



Dos caminhos da memória de uma professora às estratégias para a formação do aluno leitor

From the paths of a teacher's memory to strategies for developing student readers

Maria Fernanda Leandro de Jesus
Iandra Fernandes Caldas

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)
Pau dos Ferros/RN - Brasil

Resumo

Este estudo é um recorte da pesquisa de monografia que analisa a formação de uma professora do Ensino Fundamental Anos Iniciais como leitora literária. Por meio de abordagem qualitativa e entrevista semiestruturada, investigou-se como suas memórias influenciam práticas voltadas à formação de alunos leitores. O aporte teórico inclui autores como Brandão (2008), Tardif (2008) e Bosi (2009) dentre outros. Os resultados indicam que o percurso pessoal da docente, pautado na afetividade com a literatura e na superação da escassez de acesso a bibliotecas, reflete-se em estratégias de valorização do livro no cotidiano escolar. Conclui-se que a memória formativa é eixo central na construção da identidade docente e na promoção da leitura literária autônoma, deixando o campo aberto para futuras investigações.

Palavras-chave: memória; formação docente; formação leitora.

Abstract

This study is an excerpt from a monograph research that analyzes the development of an Early Years Elementary School teacher as a literary reader. Through a qualitative approach and semi-structured interviews, the investigation explored how the teacher's personal memories influence pedagogical practices aimed at fostering student readers. The theoretical framework is grounded in the work of Brandão (2008), Tardif (2008), and Bosi (2009), among others. The results indicate that the teacher's personal trajectory, characterized by an affective relationship with literature and the overcoming of limited library access, is reflected in strategies that prioritize books within the school's daily routine. The study concludes that formative memory is a central axis in the construction of teaching identity and the promotion of autonomous literary reading, suggesting further avenues for future research.

Keywords: memory; teacher education; reader development.

Introdução

Cada memória é única e constitutiva da nossa identidade, pois as experiências que vivemos, os sentimentos que experimentamos e as histórias que construímos nos permitem estar e nos reconhecer no mundo. Em uma sociedade marcada pelo imediatismo, a memória se torna uma aliada essencial na busca pela identidade, recuperando histórias, vivências e experiências individuais.

Compreende-se, assim, a importância da memória no processo de construção identitária e no sentimento de pertencimento que ela desperta. Dessa forma, reconhecemos que, por meio do trabalho com a memória, é possível identificar fatores que contribuem ou não para a formulação de estratégias de incentivo à leitura e à formação de alunos leitores. Nesse sentido, esta pesquisa utiliza as memórias como um meio de obtenção de respostas, a partir dos relatos de uma professora da rede municipal de ensino dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental da cidade de Pau dos Ferros-RN.

A partir da análise de suas memórias, adentramos nas suas experiências enquanto aluna e investigamos quais fatores contribuíram para sua formação como leitora. Busca-se compreender se, ao longo desse processo – tanto na educação básica quanto em sua formação inicial como pedagoga –, houve o desenvolvimento de estratégias pedagógicas voltadas à formação de seus alunos como leitores literários em sala de aula.

Isso porque, a leitura, desde a infância, desempenha um papel fundamental na formação das crianças, favorecendo a autonomia, a criatividade e a imaginação, além de possuir um caráter emancipatório. No entanto, observa-se que, nas práticas pedagógicas dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, a leitura ainda é frequentemente reduzida à mera decodificação, como se o sistema de escrita se limitasse a um código de representação, sem a adoção de estratégias que estimulem o gosto pela leitura nos alunos. Muitas dessas estratégias são aplicadas de maneira genérica, sem uma contribuição efetiva para a formação do leitor.

Essa perspectiva de ensino não favorece o desenvolvimento de vivências e conhecimentos essenciais para a construção da identidade do estudante e sua inserção social e cultural. Diante disso, espera-se que, por meio da análise das memórias da professora, seja possível compreender as condições que subsidiaram o desenvolvimento de estratégias voltadas à formação leitora de seus alunos, bem como os precedentes que influenciaram sua prática docente.

Dessa forma, esta pesquisa busca identificar se as práticas e estratégias relatadas pela professora em sua trajetória contribuem para a formação de leitores literários e como podem oferecer à comunidade acadêmica reflexões sobre novas abordagens para o ensino da literatura. Pretende-se evidenciar que a leitura literária vai além da simples decodificação de palavras, podendo atuar como um instrumento de aprendizado, de ampliação do repertório cultural e de desenvolvimento identitário, permitindo que os alunos reconheçam o valor de suas próprias histórias e da leitura na construção de sua subjetividade.

A pesquisa será desenvolvida a partir de leituras de obras que fundamentam as categorias teóricas de análise: i) Memórias, ii) Formação do leitor/literário, iii) Formação do professor e iv) Estratégias de formação leitora.

O estudo adota uma abordagem qualitativa, que visa produzir informações aprofundadas sobre o sujeito da pesquisa (Minayo, 2002). Quanto à natureza da investigação, trata-se de uma pesquisa aplicada, com o objetivo de buscar soluções para a problemática proposta, além de explorar novas formas de abordagem do tema. No que tange aos objetivos, recorre-se à pesquisa interpretativa, que possibilita a análise dos contextos, discursos e experiências do sujeito pesquisado. Já em relação aos procedimentos metodológicos, optou-se pela pesquisa de campo, que permitiu a obtenção das informações necessárias para a análise dos dados.

Para a geração dos dados, utilizou-se a entrevista semiestruturada, aplicada a uma professora da rede municipal de ensino que atua nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Esse instrumento possibilitou a obtenção imediata das informações desejadas, alinhadas aos objetivos da pesquisa, cujos relatos foram posteriormente transcritos e analisados.

Compreende-se, portanto, que a formação do leitor literário é fundamental não apenas para a trajetória acadêmica do aluno, mas, sobretudo, para sua construção enquanto sujeito. Diante disso, a pesquisa busca responder à seguinte questão: Como a formação da professora, enquanto leitora literária, revisitada por meio da memória, influencia o desenvolvimento de estratégias para a formação do aluno leitor/literário em sala de aula?

Para alcançar esse objetivo, foram definidos os seguintes objetivos específicos: a) apreender os conceitos de memória, formação do leitor/literário e estratégias de formação leitora; b) conhecer o percurso formativo da professora enquanto leitora literária;

c) analisar como o percurso formativo da professora enquanto leitora literária repercute nas estratégias de formação dos alunos leitores/literários em sala de aula.

Análise do percurso: “eu acho que eu nunca vou me furtar de falar de algo que me move”.

A professora recordadora que aqui será tratada pelo pseudônimo Malala, atuante já há sete anos na docência, hoje com foco nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, trabalhando com a alfabetização e letramento de seus alunos, nasceu e cresceu na zona rural do município de Marcelino Vieira/RN, relata que, desde cedo, tinha o desejo de ter livros e sempre teve admiração pela profissão docente, fazendo com que brincasse de escolinha ainda pequena, como citado por ela: [...] *“Porque... Eu... Mesmo na minha casa não tendo livros, eu sempre admirei muito e sempre desejei, né, ter livros e eu brincava de ser professora e... Eu acho que eu já, digamos assim, eu já me desenhava.”* (Malala, 2023, p. 3).

As memórias de sua infância são relembradas com muito carinho, trazendo as vivências construídas não só individualmente, mas também em relação com os pais, avós, primos e que se mostram marcantes quando tratado da memória, como citado pelos autores Schmidt e Mahfoud (1993, p. 288 *apud* Halbswachs, 1990), “o indivíduo que lembra é sempre um indivíduo inserido e habitado por grupos de referência; a memória é sempre construída em grupo, mas é também, sempre, um trabalho do sujeito”.

A professora, ao compartilhar informações sobre sua infância, afirma que não houve influência por parte da família ou de parentes próximos no que se refere aos livros e à leitura literária, uma vez que seus pais não tiveram esse tipo de vivência e, portanto, não puderam transmiti-la.

[...] Assim, bem superficial [suspiro], é... Porque estudei, né, os primeiros anos na escola da zona rural, e na escola da zona rural não tinha biblioteca, não tinha acervos; é, os poucos ‘exemplares’, exemplares que tinham, eles ficavam restritos aos usos das professoras, até mesmo para elas fazerem, né? O trabalho de mediação delas. E quando eu tinha uma oportunidade, né? Eu ia lá, eu folheava, e então era esse o contato que eu tinha. A minha casa não tinha livros [...] (Malala, 2023, p. 4-5).

Mesmo com a ausência dos livros no início de sua vida escolar, como também, na sua família, razão que não permitiu que houvesse influência de ambas, Malala não perdia o desejo de sempre estar perto dos livros, como ela mesma diz: *“[...] Eu sempre que [risada], que ‘podia’ eu dava uma ‘escapulida’... uma ‘escapulidinha’. Folheava, lia, né? Então, o contato foi mais nesse sentido [...]”* (Malala, 2023, p. 5). Contudo, mesmo com o contato limitado, Malala sempre

teve o desejo de estudar e estudando em escolas multisseriadas, esta teve a iniciativa de pedir para seus pais que pudesse estudar com seus primos na escola da cidade, pois mesmo nova, tinha o entendimento de que lá poderia ter melhores oportunidades de ensino, assim como seus primos.

[...] Não lembro agora o nome da autora, mas é um dia que... “A morte é um dia que vale a pena viver”, eu acho que é esse o título, ela até faz essa distinção... É, essa comparação entre teimosia e persistência, que quando a coisa dá certo é persistência, quando não dá é teimosia, mas eu, eu ainda acho que era... eu ainda confirmo na persistência [...]” (Malala, 2023, p. 7).

Já adentrando às suas memórias voltadas ao ensino básico, foi questionado sobre como seus professores trabalhavam a leitura literária em sala e se esse trabalho tinha como foco a formação pelo gosto da leitura, ao que Malala afirma que teve bons professores, mas não observou a aplicação de estratégias pedagógicas voltadas ao incentivo da leitura. No entanto, destaca que, graças à persistência de uma de suas professoras, teve acesso ao seu primeiro livro físico, conforme relata:

[...] eu lembro de uma das obras que marcaram muito, que foi uma das professoras que pediu para comprar, e eu acho... Eu não lembro se foi na... na sétima série, na oitava série, eu lembro que já estava próximo de sair dessa escola, que foi o livro A Escrava Isaura. Esse livro, eles pediram para comprar e eu pedi aos meus pais, insisti bastante. Eles compraram esse livro, então eu acho que foi o primeiro livro assim... Que possuí. Por determinação dessa professora, que era para fazer um trabalho e tal, é... Como eu disse, eu tive boas professoras e elas sempre, né? Elas sempre... traziam essas possibilidades, então eu acho que essa obra, ela... esse trabalho, ele me marcou por isso, porque foi, digamos assim, o meu primeiro livro [...] (Malala, 2023, p. 11).

Malala relembra alguns livros trabalhados ao longo de sua trajetória na educação básica, com destaque para obras da autora Cecília Meireles e o trabalho com o gênero poema. As abordagens realizadas a partir dessas leituras, bem como as apresentações promovidas em sala de aula, contribuíram significativamente para a formação leitora de Malala, sobretudo devido à sensibilidade dos professores em reconhecer seu interesse pela leitura.

[...] Como eu disse, assim eu acho que esses, é... As influências desses bons professores foram determinantes assim. Eu sempre... Assim, eu sempre tive bons professores, [...] isso eu não posso... Eu não posso me furtar, independentemente da escola, desde a escola da zona rural, né? Eu tive bom...

Eu tive boas professoras e até hoje eu tive boas professoras [...] (Malala, 2023, p. 23).

Essa admiração pelos seus professores também foi influência por sua escolha pela docência. Além de cultivar, desde a infância, uma admiração pela docência, o convívio estabelecido com os professores ao longo de sua trajetória na educação básica também representou uma importante motivação para a escolha pela licenciatura. Isso se deve ao fato de que, desde cedo, esses profissionais exercem um papel fundamental em nosso processo de aprendizagem, formação pessoal e profissional, como a “[...] maneira pessoal de ensinar, em macetes da profissão, em *habitus*, em traços da personalidade profissional [...]” (Tardif, 2007, p. 51). No sentido atribuído pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu, o conceito de *habitus* diz respeito a um sistema de disposições duráveis e incorporadas, composto por esquemas de percepção, pensamento e ação, que os indivíduos adquirem ao longo de sua trajetória social. Tais disposições orientam comportamentos de forma, muitas vezes inconsciente, refletindo as condições sociais nas quais os sujeitos estão inseridos, ficando marcadas em nosso consciente e na nossa formação como pessoas e profissionais; e podemos perceber claramente essa questão quando Malala cita que:

[...] Eu sempre tive um encantamento pela profissão, lógico, não romantizando, mas eu sempre tive esse encantamento, e eu acho assim, por eu ter, como eu disse, eu tive bons professores, eu acho que fui pegando assim, de cada um eu fui pegando uma coisa; por exemplo: a professora que tive na zona rural, é... A caligrafia dela era muito bonita, eu lembro é... [...] Já a professora que tive, a primeira professora que tive na escola da cidade, ela era muito doce, tinha uma voz muito doce, né? Ah, já na parte do ensino fundamental que eram mais professores, eu fui... Assim, tentando pegar de cada uma alguma coisa [...] (Malala, 2023, p. 15).

É possível perceber, a partir dessa fala, como as lembranças das experiências em sala de aula com seus professores influenciaram sua identidade e a professora que ela aspira se tornar. Isso evidencia o papel fundamental da memória na construção da identidade, sendo um elemento central no processo de formação pessoal e profissional, como afirma Brandão (2008, p. 6), “O indivíduo é influenciado e influencia, formando um elo numa corrente sem fim, o que chamamos ‘saber’ que constrói e dá sentido à trajetória humana. A memória estabelece, pois, nossa identidade”. O autor Izquierdo (2004, p. 81) também concorda quando diz: “nada somos além daquilo que recordamos.” A memória estabelece nossa individualidade.

Observa-se, assim, que, além de sua decisão de seguir a carreira pedagógica, ela incorporou as influências de seus próprios professores em sua prática didática. É evidente também seu esforço em destacar que a carreira acadêmica não deve ser encarada de maneira idealizada, mas, sim, com a valorização da formação necessária para o exercício da profissão, reconhecendo, ainda, que a área docente enfrenta preconceitos e desvalorização, assim como aconteceu quando conseguiu passar no vestibular e ouviu uma frase de grande impacto: “[...] *para filho de pobre já é coisa demais*” (Malala, 2023, p. 17), mas que, na época, não deu importância por não ter uma maturidade intelectual que conseguiu ser desenvolvida na universidade, como ela complementa:

[...] Há certos tipos de comportamentos, há certos tipos de concepções e que, justamente, depois que você entra na universidade, depois que você vai estudar a relação política da educação, você vai estudar o quanto a educação liberta, você vai estudar a relação opressor e oprimido que Paulo Freire tanto bate na tecla [...] (Malala, 2023, p. 17).

Conseguimos identificar falas recorrentes em seu discurso, principalmente no que tange à importância da educação na formação dessa professora recordadora, sua defesa pelo ensino e como essa importância desde cedo e, principalmente, sua perseverança em buscar sempre os estudos e os livros poderá ser vista como de grande influência na forma de trabalhar e desenvolver a leitura literária em sala de aula.

Isso ocorre porque, embora tenha recebido algumas influências de seus professores, é possível perceber que sua formação foi, em grande parte, resultado de sua própria persistência. Seja na escolha de estudar em uma escola que acreditava proporcionar uma melhor formação, seja na busca pelo seu primeiro livro físico tão desejado, ou na conquista de sua vaga na universidade dos seus sonhos, tudo foi conquistado por sua iniciativa. Isso demonstra, desde cedo, uma busca autônoma pelo desenvolvimento de sua formação. Tal trajetória pode ser compreendida à luz da perspectiva de Paulo Freire (1993), que vê a formação como um processo contínuo de questionamento, curiosidade e engajamento com o que está ao nosso redor e no mundo do outro, caracterizando a educação como um processo incessante de formação.

Essa afirmação fica mais forte quando questionada se seu contato com os livros veio por ela mesma, mesmo durante sua passagem pela educação básica e ensino superior. Acerca disso, Malala afirma:

[...] na minha casa não tinha livros, na escola onde eu estudava também não tinha, então... e... eu não lembro de ninguém me influenciando, o que eu já percebi com minha irmã, né... a minha irmã, ela é mais nova, então por eu buscar isso, ela já sofreu, digamos, uma influência minha. [...] Então, por eu ser a mais velha, eu não tive, então eu não fui influenciada, mas eu influenciei [...] (Malala, 2023, p. 17).

Além disso, Malala compreende seu papel como docente em influenciar seus alunos na leitura, ao dizer que *“[...]eu sempre penso o seguinte, por eu não ter tido o acesso, por eu não ter tido alguém que trouxesse isso para mim, eu tento ser esse canal para os meus alunos[...].”* (Malala, 2023, p. 20). Isso porque, mesmo que esta tenha desenvolvido por influência própria o gosto pela leitura, sabe-se que, na maioria das realidades, nem todos os alunos têm essa mesma autonomia e, por isso, precisam dessa influência. Cabe, dessa forma, ao professor ser esse mediador e buscar novas metodologias e despertar esse gosto pela leitura, sendo assim a visão do professor como guia, conduzindo os alunos para o caminho da leitura (Skalski; Robazckiewicz, 2013).

A narradora também destaca a realidade de seus alunos, muitos dos quais provêm de contextos sociais carentes. Embora, atualmente, haja alguns projetos de distribuição de livros, ainda são muitos os que não têm acesso a esses recursos. Nesse contexto, torna-se essencial realizar um trabalho de influência, pois *“O professor é, muitas vezes, o primeiro a apresentar um livro ao seu educando e, é nesse primeiro contato com o material que surgem alguns conceitos que poderão acompanhar o aluno [...]”* (Silva; Ritter, 2019, p. 4).

Quando a professora se refere à falta de acesso e de influência, ela também estende essa questão ao meio acadêmico. Ao ser questionada sobre o papel da universidade em sua formação, especificamente no que diz respeito à leitura de literatura e à criação de estratégias que orientassem o trabalho a ser desenvolvido posteriormente em sala de aula, a professora relata que não recebeu esse tipo de influência. *“[...] você diz ligada à universidade, eu não tive, nós não tivemos, nós tivemos, sim, disciplinas, né, que [...] que trabalharam a questão de formação do leitor de estratégias, mas de trabalhar o livro em si, nós não tivemos [...]”* (Malala, 2023, p. 18). Ela ainda afirma que conseguiu uma melhor formação na especialização, visto que por esse meio, conseguiu compreender melhor as estratégias para trabalhar com o livro em sala de aula.

A professora ainda continua relatando que, mesmo com programas que trabalhassem a leitura de literatura na escola, como o Programa Biblioteca Ambulante e Literatura nas

Escolas (BALE), que atua desde 2007 como uma ação extensionista do Grupo de Estudos e Pesquisas em Planejamento do Processo de Ensino-Aprendizagem (GEPPE), tendo como objetivo viabilizar o acesso à literatura em Pau dos Ferros/RN e cidades vizinhas, atendendo em espaços escolas e não escolares com o intuito de democratizar e estimular o gosto pela leitura, não conseguiu se deslocar para participar dos programas, conforme dito por ela:

[...], mas na graduação eu não tive assim, e como na graduação também, é... eu trabalhei durante toda minha graduação para poder arcar com os custos, então eu não... eu não podia participar dos programas porque também não tinha tempo [falado em conjunto com a entrevistadora], porque morava fora, tinha até uma certa dificuldade de deslocamento, então é... para mim o trabalho era mais seguro [...] (Malala, 2023, p. 18).

Podemos perceber em sua fala que Malala precisou fazer escolhas durante sua graduação, o que teve, de certa forma, influência nas suas participações em pesquisas e programas de extensão. Esse cenário é ainda mais desafiador para estudantes que residem em cidades distantes da universidade, os quais frequentemente enfrentam dificuldades para participar de programas e projetos de pesquisa que poderiam enriquecer sua formação acadêmica. Essa realidade também foi vivenciada pela professora, conforme se pode perceber em seu relato.

Importante mencionar essa questão, porque atualmente existe uma discussão em trazer para o currículo de Pedagogia componentes curriculares que possam auxiliar o aluno desse curso em construir estratégias para a formação de alunos leitores em sala de aula, uma vez que como é perceptível, não são todos os alunos que conseguem se deslocar fora do horário das aulas para participar de projetos de pesquisa e/ou extensão; e que os componentes curriculares com o foco em vivenciar a literatura na universidade e discutir estratégias de formação leitora devem estar presentes nos currículos das licenciaturas.

Vale salientar que o Curso de Pedagogia do Departamento de Educação, Campus de Pau dos Ferros, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte passou a ofertar, a partir de 2019, a disciplina optativa 'Literatura Infantojuvenil', voltada para a formação do leitor literário. Tal inclusão ocorreu após a conclusão do curso pela professora em 2014, evidenciando a relevância crescente de componentes dessa natureza nos currículos dos cursos de Pedagogia. A presença desses componentes curriculares contribui

Dos caminhos da memória de uma professora às estratégias para a formação do aluno leitor significativamente para a formação inicial dos futuros docentes, que serão responsáveis por desenvolver práticas de incentivo à leitura literária em sala de aula.

O que possibilitou a Malala esse conhecimento em sua formação docente, como visto antes, foi sua especialização em Literatura e Ensino, contribuindo para que formasse estratégias voltadas para a literatura e formação de leitores. Uma das estratégias que a professora cita e que traz em sua formação é o exemplo sobre o que Balduino e Tabak (2022) falam dessa relação importante do professor e a leitura, principalmente pelo exemplo, que torna mais fácil o trabalho de mediar o processo e incentivar os seus alunos.

Esse incentivo precisa acontecer na sala de aula, pois a professora acredita que a inserção no meio digital está cada vez mais precoce na vida das crianças, o que também acaba sendo um desafio na formação de alunos leitores e, por consequência, ocorre a desvalorização do livro. Malala então desenvolve o que seria, como ela mesma diz: “[...] *a palavra convence, mas o exemplo arrasta [...]*” (Malala, 2023, p. 21). Buscando através do exemplo influenciar seus alunos a ler e criar o gosto pela leitura, para isso, a professora traz livros de seu acervo pessoal, mostrando sua assinatura nos livros, afirmando que eles poderão ter seus próprios livros e ainda focando no zelo que se deve ter com o livro em si.

A questão do cuidado com o livro e trabalhar este como um patrimônio que deve ser cuidado e que tem grande importância é uma das estratégias tomadas pela professora para que o aluno tenha consciência da importância do livro e o trate com cuidado. Ela diz:

[...] Eu tento mostrar o livro como patrimônio, na verdade, o livro ele é um patrimônio. E... eu acho que a gente, às vezes, o professor, tem essa mania de às vezes o aluno absorver muitas coisas, ele não absorve, mas ele absorve, sim! É tanto que se algum colega, por exemplo, leva o livro e traz o livro rasurado ou alguma coisa, para eles, já o... [...] Já é o fim do mundo, já vem o fuxico: “tia, fulano rasgou o livro”, né? E assim como nosso acervo da biblioteca, ele já está um pouco, um pouquinho já usado e que bom, né?! [...] (Malala, 2023, p. 21).

Além do incentivo ao cuidado com o livro, como forma de promover nos alunos a consciência sobre a preservação do material literário, foi questionado à professora qual seria, em sua visão, a importância da leitura de literatura na formação discente. Perguntou-se, ainda, se ela acredita que a leitura exerce alguma influência no desenvolvimento integral do aluno. Malala afirma que consegue perceber essa influência na formação pelo comportamento do aluno, formando assim um leitor mais perceptivo e que consiga fazer associações das leituras feitas no seu dia a dia em sala de aula, assim como afirmam as autoras Rosi, Peres e Silva

(2016), quando falam que se espera que, através da leitura, o aluno possa estabelecer, por meio de seus conhecimentos prévios, uma relação do texto e do mundo, o que constrói um sentido para aquilo que está lendo.

Observamos, assim, que a leitura literária consegue formar no aluno, desde cedo, as capacidades de criticidade e autonomia, uma forma de se conhecer e se conectar consigo mesmo através das histórias. Muitas vezes, a identificação com algum personagem, temáticas voltadas para o luto, a perda e separações são formas de a criança, desde cedo, manter-se consciente desses assuntos, não serem vistos como um tabu, e alcançar por meio da literatura uma formação para a vida. Como afirmam as autoras Caldas, Sampaio e Souza (2020):

[...] é perceptível que uma criança que lê literatura, geralmente, tem uma imaginação mais aguçada, um olhar atento, cria e recria com mais facilidade, conferindo uma nova roupagem ao real, um brilho mais intenso à sua realidade, viajando ao mundo do faz de conta, vivenciando e aprendendo a cada história, a cada verso (Caldas; Sampaio; Souza, 2020, p. 258).

Além disso, a professora também gosta de desenvolver esse trabalho de forma interdisciplinar, evidenciando para a criança que a literatura está em tudo, seja trabalhando também os componentes curriculares Matemática, Geografia, Artes, não trabalhar de forma separada.

[...] não gosto de trabalhar tudo em uma caixinha, aqui é a caixinha da leitura, aqui é a caixinha da matemática, aqui é a caixinha da geografia, não! Eu acho que o conhecimento ele é... [...] Ele circula, você tem que fazer as coisas circulares na cabeça da criança, porque se você trabalha tudo aqui separadinho, quando ela for lá fora, ela vai achar que tudo é separado, e não, e... eu percebo muito nessas falas, você também já viu que eles são muito questionadores; então, às vezes quando eles levam o livro, eles vêm com questionamentos [...] (Malala, 2023, p. 21-22).

Outra estratégia que a professora desenvolve e que esta acredita que influencia na formação de alunos leitores é a liberdade que eles exercem em questionar as obras que leem; dessa forma, “trata-se de um debate autêntico em que os alunos dividem dúvidas e certezas, usam as informações do texto para construir argumentos, questionam o texto com base em suas experiências e dialogam entre si tanto quanto com o professor” (Cosson, 2017, p. 126), desenvolvendo sua autonomia, e deixando muitas vezes a professora sem palavras.

Dos caminhos da memória de uma professora às estratégias para a formação do aluno leitor

[...] eles me colocaram mesmo contra a parede, e eu acho isso maravilhoso porque a gente sempre tem aquela mania “a desenvolver o aluno crítico e reflexivo” [imitando uma voz]. Autônomo, mas quando o aluno faz uma pergunta, você o manda calar a boca, como você desenvolve? [...] (Malala, 2023, p. 22).

O relato de Malala evidencia que determinadas práticas pedagógicas, como o silenciamento dos estudantes em sala de aula, podem comprometer significativamente o desenvolvimento de uma postura participativa, limitando o engajamento crítico e a construção ativa do conhecimento. Tais atitudes não apenas inibem a expressão das impressões e interpretações pessoais acerca das leituras realizadas, como também contribuem para o distanciamento entre o estudante e o livro. Ao restringir a liberdade do aluno para questionar e dialogar sobre o texto, o professor limita o processo de construção da autonomia, impedindo que os alunos se sintam encorajados a se expressar e a refletir criticamente sobre o que foi lido.

E para que o diálogo ocorra, a professora deixa claro que esse trabalho é fruto de uma caminhada feita desde os primeiros dias de aula, e que se torna uma formação gradativa, estimulando o aluno a desenvolver essa autonomia e que deve ser feita diariamente, pois o trabalho se concretiza com cada passo que é dado, para que assim se possa colher no fim.

Quando a gente vai apresentar um conteúdo, a gente condiciona o aluno a fazer questionamentos, para absorver melhor o conteúdo, mas eu percebo que muito mais algo vindo deles [ênfase] do que condicionado a estratégias que eu... porque eu já associo isso ao trabalho que eu já fiz lá no início do ano. Então, eu acho que... digamos assim, já são frutos (Malala, 2023, p. 22).

A autonomia do estudante configura-se como um dos principais aspectos na formação do leitor. Tal perspectiva pode ser relacionada à trajetória da professora, que desde a infância demonstrou iniciativa ao buscar, por conta própria, o acesso aos estudos e à leitura. Com base em sua própria experiência, ela busca proporcionar aos seus alunos as mesmas possibilidades, incentivando-os a formular questionamentos e a desenvolverem-se como leitores críticos, reflexivos e autônomos, como destaca em seu relato:

[...] Porque, se eu quero desenvolver esse senso crítico, esse aluno crítico, reflexivo e autônomo, eu acho que a primeira coisa que eu tenho que fazer é abrir espaço para esse aluno fazer perguntas. Se o aluno não faz, será que ele vai ser crítico, reflexivo e autônomo? Não vai [...] (Malala, 2023, p. 22).

No entanto, a formação de leitores críticos e autônomos por parte do professor somente será possível se este desenvolver estratégias pedagógicas alinhadas a esse objetivo. Nesse sentido, questionou-se Malala sobre quais metodologias utiliza para favorecer tal processo formativo. Entre as práticas mencionadas, destaca-se o ato de ler para os alunos e, além disso, o papel do professor como modelo de leitor, evidenciando a importância do exemplo na construção do hábito e do interesse pela leitura; a recordadora cita: “[...] eu não posso querer que meu aluno seja leitor se eu não leio para eles. E... essa leitura a gente faz praticamente diariamente [...]” (Malala, 2023, p. 23). Estevam e Saldanha (2023, p. 42) ainda reforçam esse discurso quando afirmam que a leitura diária realizada para os alunos “[...] só será significativa se, além de proporcionar o contato do aluno com a diversidade de textos, refletir uma mediação correta do professor, no sentido de enriquecer esse momento de formação do prazer pelo texto literário”.

Para isso, uma das estratégias da professora é que, a cada sexta-feira, o aluno escolha um livro do acervo da biblioteca e leve para realizar sua leitura em casa. Esse ato também mostra o reforço de desenvolver a autonomia do aluno em escolher sua própria leitura, além de que, o ato de ler um livro do próprio acervo influencia para que o aluno, na sexta-feira, escolha aquele livro e queira realizar sua leitura de forma individual.

[...] e, eu percebo que... quando é uma obra da escola, eles já, que eles gostam muito, eles já ficam ali “quando for sexta-feira eu vou pegar aquele livro” [risadas]; foi o que aconteceu, acho que tem umas duas semanas, foi; eu li, acho que tinha até uma atividade no livro de Português, eu li “Viviana a rainha do pijama” e eles amaram. Então, quando foi na semana seguinte, foi uma disputa para saber quem pegava o exemplar de “Viviana a rainha do pijama” [risadas], né? Então, eu acho que a primeira delas é ler para o aluno [...] (Malala, 2023, p. 23).

A professora também valoriza o momento de leitura ao apresentar previamente os elementos que compõem o livro, como a capa, a contracapa, o nome do autor e do ilustrador. Essa prática se aproxima das estratégias descritas por Souza, Silva e Motoyama (2020), em *O contar e dizer histórias*, e por Graves e Graves (1995), que destacam a importância da mediação antes da leitura propriamente dita. A chamada “estratégia de leitura por andaimes” propõe justamente essa preparação do leitor, por meio da valorização dos aspectos paratextuais e do despertar da curiosidade, contribuindo para o envolvimento dos alunos com a obra.

A docente demonstra apreço por trabalhar com obras de autores locais do município de Pau dos Ferros-RN, como Manoel Cavalcante, Robson Renato e Quitéria Jales, cujas produções literárias se destacam pela presença da poesia e do cordel. Ao inserir esses autores no contexto escolar, promove-se a valorização da literatura regional, evidenciando aos alunos que a produção literária não é algo distante de sua realidade. O simples fato de saberem que esses escritores residem em sua própria cidade e são acessíveis, torna-se um importante estímulo à leitura e ao reconhecimento da riqueza cultural presente em seu entorno.

[...] Eu acho que um dos pontos também que eu trabalho é trazer autores aqui de Pau dos Ferros; há algumas semanas, nós trabalhamos algumas obras de Manoel Cavalcante e eu tenho é... grande parte das obras dele; e à medida que eu ia lendo, eu ia colocando lá no cantinho da sala, deixando bem organizado para receber as obras, e eu acho que eles ficaram maravilhados de saber que eu estava lendo um autor da terra que eles podiam encontrar a qualquer momento na rua, né? Então, essa questão também do autor, no caso aqui de Pau dos Ferros, é um ponto extremamente positivo [...] (Malala, 2023, p. 23-24).

Ao incorporar o cordel às práticas pedagógicas em sala de aula, a professora demonstra sensibilidade às preferências de leitura de seus alunos, reconhecendo esse gênero como uma forma literária que desperta interesse e engajamento. Tal escolha também pode estar relacionada às experiências vivenciadas por ela enquanto aluna, especialmente com professores que valorizavam o trabalho com poemas. Nesse sentido, evidencia-se que a elaboração de estratégias eficazes de formação leitora requer, necessariamente, o conhecimento prévio da turma, de seus interesses e repertórios, superando uma abordagem mecanicista da leitura e promovendo práticas mais significativas e contextualizadas.

[...] É trazer algo que a criança goste, que tenha alguma... que desperte alguma coisa naquela criança, porque eu acho que só ler, trazer aquela leitura só para colocar ali, preencher ali o plano de aula [...] então, eu acho que trazer algo que seja interessante para a criança, no sentido de, também conhecer o gosto deles [...] (Malala, 2023, p. 24).

Além de conhecer o gosto dos alunos, como mencionado anteriormente, Malala costuma trazer os questionamentos, contudo, não de uma forma que faça com que eles associem a leitura como uma obrigação, mas, sim, “para admirar, para deleitar-se com as ideias, com as imagens criadas, com o jeito bonito de dizer literalmente as coisas. Sem cobrança, sem a preocupação de qualquer prestação de contas posterior” (Antunes, 2003, p. 71).

Esse questionado realizado pela professora não é feito como uma forma de cobrança, mas, sim, como uma forma de estimular também a imaginação dos alunos e sua criatividade, transformando o momento da leitura em algo divertido, não um hábito ou obrigação, mas, sim, o gosto por ler.

[...] eu peço até para eles inventarem alguma coisa ali dentro daquela história, para que eles não leiam naquela “eu tenho que ler porque a professora vai perguntar” [risadas] [...] E, às vezes, até eu pergunto: “você recomenda para os colegas que eles peguem esse livro?”. E isso acontece, eles dizem: “oh fulaninho, vai querer esse livro, tia”. Aí eu digo: “pronto, então está bom” e por aí vai... [...] Tipo assim, eu quero ler esse livro, eu gostei desse livro, eu vou indicar esse livro. Eu percebi durante a sala de aula mesmo, que quando é o dia de fazer a entrega, eles ficam compartilhando um com os outros [...] (Malala., 2023, p. 24-25).

A professora destaca a importância de permitir que os próprios alunos escolham suas leituras, reconhecendo nesse processo o papel fundamental da biblioteca escolar. Ela ressalta que esse espaço favorece a autonomia e o envolvimento dos estudantes com os livros, como expressa isso ao afirmar: “[...] o trabalho na biblioteca é fundamental, porque ali a criança tem seu poder de escolha [...]” (Malala, 2023, p. 24). Diferentemente de sua própria trajetória escolar, em que teve pouco acesso à biblioteca, a docente busca valorizar esse ambiente e promover sua utilização entre os alunos. Além disso, atribui grande importância ao trabalho da bibliotecária, destacando seu cuidado com o acervo, o zelo na organização e o modo como transmite essa responsabilidade aos estudantes, contribuindo para a formação de leitores conscientes e críticos.

[...] Com a bibliotecária, ela separa aquelas obras, já tem lá na biblioteca, já deixa ali pronto para ter o contato, então, eu acho que o trabalho dela assim... no termo de escola geral, é um trabalho muito bonito, um trabalho mesmo, de zelo, de cuidado, porque... é... não é fácil você encontrar alguém que zele uma biblioteca, que tenha apreço por uma biblioteca [...] (Malala, 2023, p. 26).

Uma questão relevante dirigida à professora diz respeito ao papel da escola na formação de leitores entre seus alunos, especialmente no que tange às contribuições da Secretaria de Educação e da Direção da Escola para apoiar o desenvolvimento desse trabalho em sala de aula, isso porque: “[...] cabe à escola e aos educadores propiciar aos alunos a construção de conhecimentos nas diversas dimensões, de modo a possibilitar a construção e o exercício da cidadania” (Vasconcelos; Matos, 2018, p. 5).

Dos caminhos da memória de uma professora às estratégias para a formação do aluno leitor

A partir da fala do autor, observa-se que, além do trabalho desenvolvido pelo docente, os projetos literários implementados também constituem formas de promover a formação de leitores, envolvendo não apenas a sala de aula, mas a escola como um todo. Nesse contexto, a escola assume como objetivo a realização desse trabalho formativo. Além disso, Malala ressalta que essa tarefa não é realizada de forma isolada, destacando a colaboração entre a escola e a biblioteca, que desempenham papéis complementares nesse processo de formação.

[...] Os próprios projetos, né? Que a escola desenvolve, nós acabamos de culminar agora nesse mês de... novembro? [Em dúvida] ... foi novembro! E tem toda essa... esse aparato, a gente não faz nada sozinho, né? Então, de forma direta ou indireta, tem, sim, o apoio, lógico que o fazer mesmo é dentro da sala de aula, mas que a gente recebe, sim, tanto o apoio da gestão, como também por parte da biblioteca, bibliotecária [...] (Malala, 2023, p. 26).

Observa-se, assim, a relevância do trabalho colaborativo entre a escola e os professores na formação de seus alunos, não apenas como leitores literários, mas, sobretudo, no que diz respeito à sua formação humana, apoiando seu desenvolvimento mesmo após a conclusão do ciclo escolar. Malala acredita que, por meio da literatura, será possível abrir novos caminhos para esses alunos, ampliando suas perspectivas e oportunidades, ao dizer que: *“[...] eu vejo que em alguns anos, quando eles estiverem maiores, tiverem com um campo maior de escolhas, eles certamente irão navegar por mares não descobertos, eu espero que sim [...]*” (Malala, 2023, p. 25).

A trajetória de Malala e sua persistência em buscar o aprendizado revelam uma docente atualmente comprometida em proporcionar o melhor ensino aos seus alunos. Desde cedo, ela acreditou que os estudos eram o caminho mais eficaz para o seu desenvolvimento, confiando no poder transformador da educação básica. Malala enxergou na educação uma ferramenta essencial para trilhar os caminhos necessários à sua formação e à realização de seus objetivos:

[...] eu sou uma pessoa que acredita muito na educação, e quando eu falo isso, eu não falo de forma romantizada, eu falo muito de pé no chão, com os pés no chão, eu acredito muito na educação porque ela transformou minha realidade pessoal, minha realidade é... ela me abriu portas que eu tenho certeza de que sem essa chave eu não... que sem essa chave da educação eu não iria conseguir abri-las então, é... é por isso que eu defendo tanto a educação pública, porque eu sou filha de uma educação pública, eu quis estudar em uma universidade pública, eu quis fazer a pós-graduação numa universidade pública, então, é... eu

acho que acreditar e olhar para a educação com seriedade [...] (Malala, 2023, p. 28).

Mesmo com algumas barreiras encontradas no percurso, sendo algumas delas os preconceitos por ser uma aluna que vinha da zona rural, sua determinação de querer estudar e aprender foi maior que qualquer preconceito, sendo essa motivação pessoal que também esteve presente em seu processo de formação leitora, formação essa que foi possível ser lembrada através das memórias, como afirmado por Adélia Prado: “O que a memória ama fica eterno”.

Por fim, a professora reafirma seu compromisso em ser uma influência significativa na formação de leitores literários. Embora ao longo de sua trajetória na educação básica e na universidade não tenha recebido grandes influências para sua própria formação como leitora, ela acredita que sua jornada contribuiu para que, hoje, possa desempenhar esse papel com seus alunos: “[...] a influência que eu não tive, porque eu sei, eu sei da importância, do ler, do aprender a ler [...]” (Malala, 2023, p. 27).

Conclusão

A partir da análise realizada da entrevista, foi possível identificar importantes contribuições para a compreensão do papel da leitura literária na formação do aluno e da atuação docente como mediadora nesse processo. Em primeiro lugar, destaca-se a relevância do incentivo à leitura tanto no ambiente escolar quanto no familiar. A ausência desse estímulo, sobretudo no contexto doméstico, pode comprometer a construção de uma relação significativa com os livros. No entanto, o percurso da professora entrevistada evidencia que, mesmo sem um ambiente familiar leitor e enfrentando limitações socioeconômicas, foi possível construir um vínculo com a leitura por iniciativa própria. Essa experiência pessoal, contudo, não reflete a realidade de muitas crianças, e é justamente por compreender essa lacuna que a professora busca se tornar ponte entre os alunos e o universo literário, desenvolvendo estratégias pedagógicas que ampliem o acesso e o interesse pela leitura.

A análise também evidencia a centralidade do professor como mediador, orientador e modelo de leitor. A docente entrevistada reconhece que sua trajetória foi marcada por educadores que exerceram esse papel de influência, desde a educação básica até a escolha de sua graduação, o que a motivou a assumir esse mesmo compromisso com seus alunos.

Dos caminhos da memória de uma professora às estratégias para a formação do aluno leitor

Para ela, não basta falar sobre literatura: é necessário ser um professor leitor, que compartilhe sua relação com os livros, apresenta os títulos como patrimônio simbólico e cultural, e instiga os estudantes a também construir suas bibliotecas pessoais.

Outro aspecto relevante identificado na entrevista é a abordagem interdisciplinar da leitura literária. A professora amplia o uso da literatura para além do componente curricular Língua Portuguesa, incorporando-a também em componentes como Matemática, História e Artes. Essa prática contribui para desconstruir a ideia de que o conhecimento está compartimentado, mostrando aos alunos que a literatura está presente em diferentes dimensões da vida e do currículo, promovendo uma aprendizagem mais integrada e significativa.

Ademais, a liberdade de expressão concedida aos alunos durante as discussões literárias é destacada como essencial para o desenvolvimento do pensamento crítico e da autonomia. O espaço de escuta e diálogo permite compreender a visão das crianças sobre as obras trabalhadas e, a partir disso, escolher leituras que dialoguem com seus interesses e realidades. Tal postura docente fortalece a formação de leitores críticos, curiosos e confiantes para expressar suas opiniões — um trabalho que deve ser cultivado desde os primeiros dias de aula.

Conclui-se, portanto, que a pesquisa evidencia a importância do trabalho com a leitura literária desde os Anos Iniciais, bem como da intencionalidade pedagógica na criação de estratégias que promovam o protagonismo dos alunos. Desenvolver um ambiente acolhedor, que valorize a escuta, o questionamento e os interesses da turma, é fundamental para formar leitores autônomos, criativos e comprometidos com sua própria aprendizagem. Além disso, ainda que os objetivos propostos tenham sido alcançados, o estudo abre espaço para novos desdobramentos, pois a formação do leitor — assim como a formação docente — é um processo contínuo, que se renova e se amplia a cada nova experiência educativa vivida.

Referências

ANTUNES, Irandé Costa. **Aula de Português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BALDOINO, Adriana Moraes de Sousa; TABAK, Fani Miranda. Pequenos leitores e grandes desafios no ensino fundamental I: contribuições teóricas para uma prática ressignificada. **Da Investigação às Práticas: Estudos de Natureza Educacional**, v. 12, n. 2, p. 75–102, 2022.

Disponível em: <https://ojs.eselx.ipl.pt/index.php/invep/article/view/312>. Acesso em: 12 fev. 2026.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. 15. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

BRANDÃO, Vera Maria Antonieta Tordino. **Labirintos da Memória: Quem sou eu?** 1. ed. São Paulo: PAULUS, 2008.

CALDAS, Iandra Fernandes; SAMPAIO, Maria Lúcia Pessoa; SOUZA, Abraão Vitoriano. Tecendo Caminhos Entre Memórias e Leitura. In: JOCA, Alexandre Martins; SOUSA, Kássia Mota; GUIDOTTI, Viviane (orgs). **A Pesquisa na Graduação: reflexões, experiências e saberes dos (dis) centes**. 1. ed. Cajazeiras: AINPGP, 2020. p. 252-261

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2017.

ESTEVAM, Aparecida Suiane Batista. A Leitura literária como caminho para a formação de leitores: alguns apontamentos. **TEXTURA - Revista de Educação e Letras**, v. 25 n. 63, p. 39-57, 2023. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/7545>. Acesso em: 12 fev. 2026.

FREIRE, Paulo. **Política e Educação: ensaios**. São Paulo: Cortez, 1993.

IZQUIERDO, Iván. **A arte de esquecer**. Cérebro, memória e esquecimento. Rio de Janeiro: Vieira&Lent, 2004.

PRADO, Adélia. **Reunião de Poesia**. 10. ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2023.

ROSSI, Maria Aparecida Lopes; PERES, Selma Martines; SILVA, Fernanda Siqueira da. Estratégias de leitura e mediação do professor: o desafio de formar leitores no terceiro do ensino fundamental. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v.11, n. esp. 4, p. 2414-2429, 2016. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/8906>. Acesso em: 12 fev. 2026.

SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval; MAHFOUD, Miguel. Halbwachs: memória coletiva e experiência. **Psicologia USP**, v. 4, n. 1-2, p. 285-298, 1993. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicousp/v4n1-2/a13v4n12.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2026.

SILVA, Tatiana Shmitz da; RITTER, Janete. A importância da leitura dentro da sala de aula no processo de alfabetização. **Brasil Escola. UOL**, 2019. Disponível em: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/a-importancia-leitura-dentro-sala-aula-no-processo-alfabetizacao.htm>. Acesso em: 12 fev. 2026.

SKALSKI, Dagmara de Santana; ROBAZCKIEVCZ, Maria Cristina Fernandes. A leitura literária na formação do leitor. In: PARANÁ. Secretaria de Educação. **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE. Discussões Didático-pedagógicas**. Curitiba: SEED/PDE, 2013. p. 2-3.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Tradução de Francisco Pereira. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

VASCONCELOS, Ana Emília Pereira; MATOS, Ivânia Maria Costa de. A LITERATURA NA SALA DE AULA NO ENSINO FUNDAMENTAL. **Tropos: comunicação, sociedade e cultura**, v. 7, n. 1, p. 1-14, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/tropos/article/view/1810>. Acesso em: 12 fev. 2026.

Sobre as autoras

Maria Fernanda Leandro de Jesus

Licenciada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Campus Avançado de Pau dos Ferros (UERN/CAPF). Mestranda pelo Programa de Pós Graduação em Ensino (PPGE/CAPF) e Bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Área de interesse com foco em literatura, formação docente, memórias e ensino.

E-mail: mfernandajesus13@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-7116-2317>

Iandra Fernandes Caldas

Doutora em Letras pelo PPGL/CAPF/UERN - 2021, Mestra em Educação pelo Programa de Pós Graduação em Educação - POSEDUC/UERN (2013), Especialização em Psicopedagogia pela FVJ/CE (2004), Pós Graduação em Literatura e Estudos Culturais CAPF/UERN (2009), graduada em PEDAGOGIA pelo CAPF/UERN (2001). ATUAÇÃO PROFISSIONAL: Professora da UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO NORTE-UERN (2011-Atual), Departamento de Educação - DE com Dedicção Exclusiva. Professora do Programa de Pós-Graduação em Ensino - PPGE/CAPF/UERN (2023 - Atual).

E-mail: iandrafernandes@uern.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7298-6065>

Recebido em: 18/05/2025

Aceito para publicação em: 22/12/2025